



Interação pai e filha no romance *Adua* de Igiaba Scego

Father and daughter interaction in the novel *Adua* by Igiaba Scego

Dionei Mathias ¹

RESUMO

O romance *Adua*, da escritora italiana Igiaba Scego, discute as experiências de uma mulher negra, imigrante e de origem somaliana na Itália. O romance apresenta três segmentos, nos quais o leitor encontra respectivamente a voz da protagonista Adua, a história de seu pai e as experiências de Adua como criança, mediadas pela voz paterna. Este artigo pretende analisar esse terceiro segmento e discutir como a interação entre pai e filha tem um impacto na forma como a protagonista pode narrar sua identidade e vivenciar seu próprio corpo. As experiências da infância, de certo modo, terão um impacto no modo como ela vai interagir no papel de imigrante, no primeiro segmento do romance.

PALAVRAS-CHAVE: Igiaba Scego. *Adua*. Identidade. Corpo.

ABSTRACT

The novel *Adua*, written by the Italian writer Igiaba Scego, discusses the experiences of a black, immigrant woman of Somali origin, in Italy. The novel features three segments, in which the reader respectively finds the voice of the main character Adua, her father's story and her experiences as a child, mediated by her father's voice. This article aims to analyse the third segment and to discuss how the interaction between father and daughter has an impact on the way the main character can narrate her identity and experience her body. The experiences in her childhood, in a way, will impact the way she interacts as an immigrant, in the first segment of the novel.

KEYWORDS: Igiaba Scego. *Adua*. Identidade. Corpo.

* * *

Introdução

Igiaba Scego nasceu em 1974, em Roma, filha de imigrantes da Somália. Como muitos outros autores europeus, com afiliações aos grandes fluxos migratórios, Scego também dedica uma parte de sua produção artística

¹ Professor do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas e do Programa de Pós-graduação em Letras da UFSM, Brasil. E-mail: dioneimathias@gmail.com.

à reflexão sobre a condição de imigrante, sua história, seu capital afetivo. Desde 2003, a autora italiana vem publicando romances e participando de discussões, contribuindo assim para a condensação de uma voz oriunda das margens dos países de acolhimento bem como para a revisão das respectivas literaturas nacionais, com suas lógicas de inclusão e exclusão. Nesse sentido, os textos de Scego ressignificam os espaços literários (COPPOLA, 2011, p. 122) e têm muitas semelhanças com textos produzidos por representantes de outros grupos minoritários como por exemplo na Alemanha, na França, na Inglaterra ou nos Estados Unidos, países que vêm recebendo um fluxo contínuo de novos agentes sociais, com outras afiliações culturais (MATHIAS, 2018).

O romance *Adua*, de 2015, Scego discute essas afiliações culturais, suas negociações e seus muitos conflitos a partir da perspectiva de uma imigrante negra na Itália e da perspectiva de seu pai, que trabalha para o governo italiano durante o período fascista. O romance intercala três vozes narrativas com configurações temporais diferentes, marcadas pelos títulos “Adua”, “Sermão” e “Zoppe”. O foco deste artigo recairá sobre os segmentos intitulados de “Sermão”, nos quais o pai interage com a filha. Nesses segmentos, o leitor tem acesso à visão de mundo do pai e ao modo como ele impõe seus valores à filha.

No contexto da literatura oriunda de fluxos migratórios, a voz feminina se revela como especialmente complexa, justamente por envolver o elemento da imigração. A teoria interseccionalista já chamou a atenção para a necessidade de considerar o lugar de fala de cada agente social, a partir do ponto de intersecção em que se encontra (ANTHIAS, 2012; CARBADO et alia, 2013; CRENSHAW, 1989). Isso também se mostra como extremamente relevante no contexto da literatura de fluxos migratórios, pois o capital social de partida de cada um desses novos atores sociais pode ser substancialmente diferente. Assim, a origem de um determinado país, a detenção de capital econômico, o gênero e a orientação sexual, a cor da pele ou o capital simbólico, por exemplo, em forma de diplomas obtidos em determinadas instituições

definem como esse imigrante pode se posicionar na sociedade de acolhimento. Esse ponto de intersecção vai definir, em grande parte, a oferta de chances e a possibilidade de articulação da voz autônoma.

A primeira geração de imigrantes, isto é, aqueles que deixam um espaço cultural para estabelecer-se em outro, já tem uma parte desse mercado de chances definido no espaço da primeira socialização. Assim, uma mulher socializada num país com práticas patriarcais tem um outro ponto de partida que alguém socializado num espaço cultural que preza a igualdade de direitos e chances. Essas visões de mundo que definem as práticas de interpretação de realidade e que gerenciam as ações possíveis num determinado espaço de interação, muitas vezes, acabam sendo internalizadas pelo indivíduo de tal forma, que continuam sendo adotadas para a concretização existencial, mesmo nos novos espaços culturais. Se o sujeito, por outro lado, consegue refletir sobre seu lugar de fala e começar a desenvolver uma voz própria que questiona a herança das limitações culturais, isso ainda não significa que o crivo de interpretação de realidade implantado no espaço original deixa de atuar – muitas vezes inconscientemente – no modo como o imigrante consegue enxergar a realidade que o circunda.

Essa socialização primordial define, em grande parte, como o sujeito consegue pensar sua identidade ou seu corpo. No caso da identidade, cada cultura prevê determinadas narrativas aceitáveis, dependendo do gênero, da orientação sexual, da etnia e assim por diante. Com isso, o sujeito empreende um esforço de imaginação de futuro, pautado substancialmente por essas narrativas pré-fabricadas que dispõem o lugar de cada ator social no cenário da respectiva sociedade. O mesmo vale para o corpo e como ele pode ser encenado nas negociações de identidade e nas interações do cotidiano. Nisso, a sexualidade é especialmente importante, uma vez que o controle do prazer tem um papel central na definição das malhas de poder. Isto é, o acesso ao prazer erótico muitas vezes é prerrogativa de alguns atores sociais.

Muitos escritores com afiliações a esses fluxos migratórios refletem sobre os impactos dessa socialização que não deixa de imperar sobre os

imigrantes, mesmo estando distantes de suas imposições. Nesse cenário, esses atores sociais não têm somente o presente para processar, eles trazem igualmente um passado que impacta sobre as interações no presente. Nos segmentos do romance que serão o foco desta discussão, o leitor encontra a voz narrativa enunciada pelo pai de uma menina na Somália. Essa criança se torna, mais tarde, mulher imigrante na Itália. Nesse sentido, este artigo deseja discutir dois aspectos: (1) a forma como a narrativa de identidade dessa criança precisa se submeter à visão de mundo paterna e (2) o modo como o pai controla seu corpo e sua expressão.

1. Imposições de identidade

As narrativas que compõem a identidade e, com isso, representam o sujeito resultam de uma série de negociações entre diferentes atores sociais, começando no círculo familiar. Os segmentos intitulados de “Sermão” são trechos, nos quais o pai da protagonista Adua se dirige a ela, com diretrizes sobre como concretizar a existência e organizar sua própria representação social. Nisso, ele fornece suas visões de mundo, alimentando portanto também a narrativa identitária de Adua, com elementos que podem ser adotados por ela. Diante da disparidade de poder e de conhecimento de mundo, uma criança obviamente tem menos chances de definir aquilo que deseja ou não adotar. Na verdade, nesse estágio o indivíduo ainda se apropria de mecanismos para interpretar o mundo e imaginar a própria identidade.

Já no primeiro trecho, o leitor recebe a informação de que a mãe de Adua morreu, de modo que a pessoa de referência é o pai, o qual administra os comportamentos da filha:

Isso é jeito de olhar para o seu pai, Zoppe, sua malcriada? Você é como sua, Asha, a Temerária, aquela safada. Sua mãe, aquela puta, que morreu deixando-me aqui sozinho com meu amor. Como ousou morrer? Hein? Como ousou? Mulher maldita! E você? Você também vai morrer? Você tem os olhos

iguais aos dela, não os suporto! Mas vai ver como eu vou endireitar você. Não estou de brincadeira, tem que andar na linha, mocinha. A música agora mudou, não é como no matagal, quando mimavam você (SCEGO, 2018, p. 11).

Essa passagem faz parte do primeiro segmento, criando uma ambiguidade que vai permanecer ao longo de todo o texto. Por um lado, a figura paterna parece alimentar um grande amor pela mulher falecida, mas, ao mesmo tempo, o tom com o qual se dirige à filha é extremamente hostil. Essa ambiguidade é reforçada pelos segmentos, em que a figura do pai relata sua história de vida. Essas passagens, em muitos momentos, despertam a simpatia do leitor por esse personagem, contrastando portanto com os efeitos que surgem nos segmentos “Sermão”. Nessa ambiguidade, parece residir uma estratégia narrativa da autora, que já por meio das várias perspectivas do romance procura captar a complexidade da experiência humana, evitando explorações simplistas. Essa ambiguidade também figura como elemento central da identidade do próprio pai.

Menos ambíguas são as expectativas que ele alimenta em relação a sua filha. O modo como ele interage com ela, a cuja voz o leitor não tem acesso nesses segmentos, revela um comportamento autoritário e pouco flexível. Assim, a resposta ao olhar da filha tem como objetivo disciplinar. Inerente a esse esforço de disciplinamento, também há uma visão de mundo que o pai tenta impor e com a qual tenta moldar o modo como a filha vai concretizar sua identidade. Nisso, primeiramente o pai rompe a autonomia do olhar e, com isso, o ímpeto de descoberta do mundo, impondo a obediência à volição paterna e a renúncia da busca pela novidade.

Num segundo momento, a reputação da mãe é demonizada, criando uma imagem completamente negativa dessa figura de referência e impedindo uma possível identificação por parte da filha, já que qualquer conexão com ela desperta uma atmosfera afetiva, marcada pela hostilidade. A mãe, portanto, serve de antimodelo, restando à filha unicamente se subordinar às narrativas tecidas pelos pai. Essa estratégia é reforçada, quando o pai indica à filha sua

semelhança com a mãe, sugerindo por consequência que também a filha representa algo que, na visão do pai, é digno de desprezo. Na visão de mundo dessa criança começa a se instalar, portanto, a imagem e a convicção de que aquilo que ela é não é bom nem aceitável.

Mais tarde, já na escola, Adua volta a exercitar seu desejo de autonomia, como no olhar inquiridor. Neste caso, ela tenta reaver seu direito de autorrepresentação:

Adua, por que você disse para a professora que se chama Habiba? Quantas vezes eu já disse a você que se chama Adua? Habiba era o seu nome de nômade, aquele que a besta romântica da sua mãe lhe deu quando engravidou. Habiba é um nome sujo, ensebado. É um nome plebeu, de prostituta (SCEGO, 2018, p. 45).

O desejo de ser chamada por outro nome indica que Adua alcançou um estágio, em que ela começa a refletir sobre os modos como deseja se representar. Ao contrário, portanto, do primeiro trecho em que é confrontada com uma visão de mundo, à qual não tem como oferecer oposição, neste caso, ela empreende seus primeiros esforços em reaver seu direito de fala. A escolha do nome indica um movimento de subversão e asserção da alteridade. O acolhimento da diferença, inerente ao nome nômade escolhido pela mãe, reforça o desejo de Adua de não mais silenciar o que é, pelo contrário, ela claramente busca inserir essa diferença no processo de representação.

Como no exemplo anterior, o pai volta a vilipendiar os esforços da filha, de modo a criar uma atmosfera em que ela se rejeite a si mesma ou internalize que a imagem que deseja para si não é digna de respeito. O esforço de afirmar a alteridade já está atrelada a um grande investimento de energia afetiva. Esse montante de energia a ser investido cresce ainda mais após o confronto com o desprezo e as tentativas de silenciamento. Diante desse cenário, qualquer tentativa de narrar uma identidade autônoma ou trilhar caminhos de representação em consonância com os desejos próprios demanda não

somente criatividade, mas sobretudo a mobilização de estratégias afetivas para neutralizar a hostilidade e o desprezo, ao afirmar uma imagem do si que distancia daquilo previsto pelo pai.

2. Controle do corpo

Uma parte essencial da educação recebida em casa por parte de Adua reside no exercício da obediência e, em especial, no disciplinamento do corpo, de modo a atender às expectativas do pai. Como no caso na narrativa de identidade, a encenação do corpo passa por um processo de vigilância constante, em que não há espaço para a descoberta de novas formas de entender e situar o corpo nas dinâmicas de interação:

Fica quieta, Adua. Tira esses cotovelos da mesa. E limpa essa boca suja. As costas retas, pelo amor de Deus. Por que você fica toda envergada? Está com as mãos sujas, lave-as imediatamente senão vai apanhar. [...] Pronto, então fique com essas costas retas e por favor não choramingue. Isso me destrói os tímpanos. Quieta. Isso, fique quieta! (SCEGO, 2018, p. 11).

Como toda criança, Adua experimenta movimentos e gestos, criando com isso performances do próprio corpo. Nesse exercício de expressão do corpo como plataforma produtora de sentidos, ela não só aprende a se conhecer e entender o próprio corpo, ela também tece malhas narrativas corporais que vão representá-la nas diversas interações sociais. O ímpeto de descoberta, contudo, se vê imediatamente silenciado, por conta do controle paterno. O espaço lúdico que permite ao indivíduo experimentar, criar e, possivelmente, incorporar modos de expressar o si inexistente nesse contexto, pois todo movimento passa pelo olhar do controle e pela exigência de submissão aos sentidos alheios. Isto é, Adua precisa incorporar não os sentidos descobertos por ela, mas sim aqueles aos quais a figura paterna atribui valor. Com isso, a encenação do corpo, já nessa primeira idade, passa por um condicionamento

de expressão alheio às necessidades íntimas do si. A obediência implica aqui o silenciamento do próprio corpo para satisfazer a e reforçar a interpretação de realidade de um outro agente social, neste caso, com mais poder.

Para garantir a manutenção da obediência, dois elementos centrais são empregados. Primeiramente volta o princípio do desprezo, o qual já aparecera no contexto da tessitura de identidade. Trata-se de uma canalização de afetos hostis que produzem sentidos, com a finalidade de neutralizar a ação e os sentidos do outro. O desprezo, como afeto, se encontra em clara oposição a configurações emocionais que afirmam e estimulam a existência do interlocutor. Em havendo resistência aos potenciais destrutivos do desprezo, o disciplinamento é reforçado pelo emprego da violência. Nesse caso, já não é a narrativa de identidade ou a gestualidade do corpo que são negadas e silenciadas por meio de expressões afetivas, mas sim o corpo em si. Por meio da produção de dor e através da ameaça de destruição do corpo – com isso também do si – o corpo é disciplinado. Uma vez implantada a interpretação de mundo do outro, todas as tentativas de autonomia e de expressões independentes estão infiltradas com os sentidos dessa visão de mundo. A passagem termina com a indicação da obediência de Adua. Com a volição autônoma rompida, segue a submissão.

O disciplinamento do corpo também passa pelo controle do acesso ao prazer erótico. Desse modo, a figura paterna administra igualmente o corpo da filha, antecipando o silenciamento de uma autonomia corporal que ainda está por vir:

Está chorando, Adua? Me desonras assim? As boas garotas nunca choram. Viu sua irmã Malika? Não derramou sequer uma lágrima, e você, o que está fazendo agora? Me inunda? O que é um cortinho, Adua? Não faça uma tempestade em copo d'água, vamos lá, isso me irrita. Tia Fardosa chamou a melhor infibuladora para fazer-lhe o *gudnisho*. Agora você se livrou, Adua, penso só nisso. Não tem mais aquele maldito clitóris que suja toda mulher. *Zac*, cortaram fora, finalmente! Sejam dadas graças ao Senhor. A dor vai

passar. A dor é passageira. A alegria desta liberação, pelo contrário, é duradoura. Depois haverá somente a felicidade de ser pura, finalmente fechada como Deus manda (SCEGO, 2018, p. 87).

O medo da criança Adua é confrontado com a distribuição de respeito. A submissão tácita merece respeito e elogio, enquanto a afirmação do medo é interpretada como algo vergonhoso. Suscitar a vergonha representa a estratégia central nesse contexto, servindo de mecanismo para o controlar comportamentos e canalizar ações de acordo com desejos alheios ao indivíduo. Essa estratégia não é aplicada somente no momento em que a criança deve se dirigir ao procedimento que vai consumir a mutilação. Ele é igualmente adotado para caracterizar o corpo feminino.

Contrapondo sujeira e pureza, a figura paterna sugere que somente o estado de mutilação é desejável, enquanto a manutenção do corpo feminino sem a mutilação significaria algo que, em sua visão de mundo, desperta desprezo e suscita vergonha. A argumentação dessa visão de mundo é legitimada com um discurso religioso, envolvendo, portanto, uma outra instância social, com grande poder de influência e de canalização acional. Esses diferentes agentes sociais controlam e administram o corpo feminino, excluindo a mulher do processo de tomada de decisão sobre o que deve acontecer com seu próprio corpo.

Em nenhuma das passagens dos segmentos intitulados de “Sermão”, o leitor tem acesso a voz de Adua. Essa estratégia narrativa parece reforçar o silenciamento não somente da mulher, mas especialmente da menina, que já na primeira idade é confrontada com uma série de expectativas sociais que precisa internalizar, a fim de não ser excluída de recursos afetivos ou mesmo daqueles recursos que permitem a sobrevivência. No papel de menina, Adua não tem voz. Esta começa a se concretizar somente quando já se encontra na Itália, na situação de imigrante.

Considerações finais

A voz da imigrante, à qual o leitor tem acesso nos segmentos com o título de “Adua”, está preocupada sobretudo com o presente da Itália. É por meio dos segmentos “Sermão” que a imagem se completa, com informações sobre a infância, mediadas indiretamente. Nessa imagem, o passado do imigrante, ainda no país de origem, toma forma e adentra a dinâmica de representação no país de acolhimento. Esse passado tem grande impacto no modo como cada indivíduo imigrante vai interagir na nova sociedade, por conta dos capitais afetivo e corporal que traz consigo. Isto é, as chances de se apropriar de novos recursos e de interagir nas malhas sociais dependem das chances que cada indivíduo obteve em tecer sua narrativa pessoal e exercitar seu corpo como superfície de sentido.

Nessa nova configuração o corpo representa uma plataforma com três vetores: a incorporação da ordem paterna, o desejo autônomo do próprio corpo e a nova gestualidade corporal praticada no país de acolhimento. Essas três instâncias precisam ser administradas pela protagonista, a fim de encontrar alguma harmonia. Embora as experiências de Adua sejam, em grande parte, limitantes, ela também adquire um conhecimento importante para sua experiência posterior como imigrante. Assim, as tentativas de subversão e de aceitação de alteridade, no episódio do nome nômade, representam um exercício de obtenção de voz que ela tem de repetir enquanto imigrante. Essa obtenção, contudo, não é impedida somente pelos discursos hegemônicos e de alteridade do novo espaço de interação, ela também é dificultada por conta de experiências passadas que estabeleceram as possibilidades de posicionamento e representação.

Referências

ANTHIAS, Floya. “Intersectional what? Social divisions, intersectionality and levels of analysis”. In: *Ethnicities*, 13 (1), 2012, p. 3-19.

CARBADO, Devon W.; CRENSHAW, Kimberlé Williams; MAYS, Vickie M.; TOMLINSON, Barbara. “Intersectionality: Mapping the Movements of a Theory”. In: *Du Bois Rev*, 2013, 10 (2), p. 303-312.

COPPOLA, Manuela. ‘Rented spaces’: Italian postcolonial literature. In: *Social Identities*, 17:1, 2011, p. 121-135,

CRENSHAW, Kimberlé. “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine”. In: *University of Chicago Legal Forum*, 1989, p. 139-168.

MATHIAS, Dionei. Literatura e fluxos migratórios em contextos anglófonos: sobre a gênese discursiva de um campo de pesquisa. In: *Scripta Uniandrade*, v. 16, n. 2, 2018, p. 225-238.

SCEGO, Igiaba. *Adua*. Tradução: Francesca Cricelli. São Paulo: Editora Nós, 2018.

Recebido em agosto de 2019.
Aprovado em dezembro de 2019.